

Ramon Pacheco Pardo

Professor de Relações Internacionais

breve
história
da

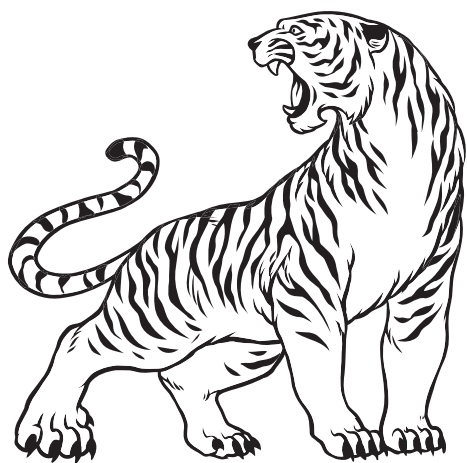


COREIA DO SUL

«O retrato de uma nação extraordinária.»

The Guardian

v o g a i s



Ramon Pacheco Pardo

breve história da

**COREIA
DO SUL**

v o g a i s

com todas as letras



Mapa da Coreia do Sul

PREFÁCIO

A Coreia do Sul tem uma história extraordinária. Situada no canto oriental da massa continental da Eurásia, o país tem vivido a dor da separação, a devastação da guerra, a fome que acompanha a pobreza, a euforia do rápido crescimento, a alegria da democratização e o entusiasmo do reconhecimento de ser uma superpotência cultural, em apenas sete décadas. A Coreia do Sul alcançou em apenas setenta anos aquilo que outros países demoraram centenas de anos a alcançar. Os sul-coreanos de certa idade testemunharam a transformação de um país que nunca foi tão bem conhecido e assunto de debate como em 2023.

Mas poucos fora da Coreia do Sul conhecem realmente a história do país. A Guerra da Coreia? Apelidada de Guerra Esquecida, ocorreu entre o final da Segunda Guerra Mundial, o início da Guerra Fria e a Guerra do Vietname e continua um conflito pouco explorado fora da própria Coreia do Sul. Park Chung-hee? Amado ou odiado, foi possivelmente uma das figuras-chave da segunda metade do século xx na Ásia e não só. Mas permanece praticamente desconhecido fora do seu país. A democratização da Coreia do Sul na década de 1980? Uma demonstração excepcional do poder do povo. Ainda

assim, ocorrendo logo a seguir à democratização do Sul da Europa e de partes da América Latina, e imediatamente antes do final da Guerra Fria, poucos conhecem os seus detalhes. E ter-se tornado uma economia plenamente desenvolvida na década de 1990? Claro que a Hyundai, a LG e a Samsung são nomes estabelecidos, mas o seu papel, e o papel dos trabalhadores sul-coreanos em potenciar a economia do seu país, é pouco compreendido.

Efetivamente, fala-se mais da Coreia do Norte do que da Coreia do Sul. É a única ditadura comunista na História a ser passada de avô para filho e depois para neto. Leva a cabo testes de mísseis nucleares e de longo-alcance. Viola os direitos humanos da própria população. Lançou acusação atrás de acusação contra a Coreia do Sul, os Estados Unidos, o Japão e qualquer outro país pelo qual se sinta atacada. De tempos a tempos, até ameaça destruí-los. De facto, a Coreia do Norte dá azo a notícias mais cativantes, de uma forma que poucos países conseguem.

No entanto, a Coreia do Sul é a mais apelativa das duas Coreias. Mais de 51 milhões de pessoas habitam a metade sul da Península da Coreia. É a quarta maior economia da Ásia e a décima no mundo, em termos de PIB, potenciada pela indústria eletrónica, automóvel, de telecomunicações, navios e aço. É um ator-chave na política externa e de segurança no Leste da Ásia, com uma aliança forte e duradoura com os Estados Unidos, com relações emergentes em toda a região. A Coreia do Sul detém o sexto maior mercado musical do mundo e o segundo na Ásia. É, também, o país asiático com os BTS e as Blackpink: respetivamente as maiores *boysband* e *girlsband* do mundo, em 2023. A Coreia do Sul é o sexto maior mercado cinematográfico do mundo e quarto na Ásia. Foi o único país do mundo a produzir *Parasitas*, o primeiro filme não falado em inglês a vencer o Oscar de Melhor Filme, na história dos prémios. O «sul-coreano médio» tem 43,7 anos; uma esperança média de vida de 83,2 anos; ganha 41 960 dólares americanos por ano, ajustados para paridade de poder de compra; e vive num agregado com 2,2 pessoas.

Nos últimos anos, o mundo começou a reparar na Coreia do Sul. Milhões de fãs por todo o mundo adoram *K-Pop*, os dramas televisivos sul-coreanos e os filmes do país. Os amantes de comida conhecem os diferentes tipos de *kimchi*. Os fãs de tecnologias admiram os robôs de serviço doméstico, os televisores de ecrã plano e os *smartphones* dobráveis. Economistas e decisores políticos estudam como é que a Coreia do Sul passou da pobreza à riqueza em apenas trinta anos. Os cientistas políticos discutem como é que o país construiu uma das democracias mais fortes do mundo em apenas três décadas. Os profissionais de saúde perguntam-se como é que a resposta da Coreia do Sul à covid-19 foi uma das mais eficazes no mundo. E apesar de nem cinco milhões de turistas terem visitado a Coreia do Sul em 2003, um ano após ter sido o país coanfitrião do Campeonato do Mundo de futebol, mais de dezassete milhões e quinhentas mil pessoas visitaram o país em 2019 — o ano antes da pandemia de covid-19 atingir o planeta.

A minha primeira visita à Coreia do Sul ocorreu em 2003. Não como turista, mas para viver lá enquanto estudante. Lembro-me de aterrar no aeroporto de Incheon, passar o controlo de passaportes, recolher a minha bagagem e apanhar o autocarro que me levaria a Imun-dong, o bairro em Seul onde viveria durante um ano. Distraído a olhar pela janela enquanto o meu autocarro atravessava da ilha de Yeongjong para o continente, maravilhei-me com a beleza do mar a bater na costa da Península da Coreia, a oeste. Era um dia quente e húmido no final de julho e eu mal podia esperar para ver a minha nova casa.

O autocarro percorreu então Seul, e foi uma completa surpresa para mim. Era colorida, vivaz, entusiasmante. Cheia de pessoas nas ruas, para um lado e para o outro. Cheia de vida. Lembrou-me de Espanha, o país onde nasci e cresci. Efetivamente, os sul-coreanos por vezes pensam em si como os italianos da Ásia. Ambos vivem numa península, ambos gostam de cantar e dançar, ambos gostam — ou melhor, amam — comer e beber. São apaixonados. A família

e os amigos significam tudo para eles. Diz-se que a Espanha e a Itália se parecem. A meu ver, a Espanha e a Coreia também. Além disso, tanto a Coreia do Sul como a Espanha sofreram uma devastadora guerra fratricida, atravessaram uma ditadura coincidente com um período de desenvolvimento económico, transitaram para uma democracia e tornaram-se países ricos. Efetivamente, foram as semelhanças entre as histórias dos dois países que me fizeram querer experimentar a vida na Coreia do Sul.

Durante o ano que se seguiu, apaixonei-me pelo país. Busan, Daejeon, a DMZ*, Gyeongju, Incheon, a Montanha Seorak. Cada local tinha uma história única para contar. Para mim, cada um deles era belo à sua maneira. *Bibimbap, jjajangmyeon, kimchi-jjigae, samgyeopsal, sundubu jjigae, tteokbokki*. E ainda os *banchan* ou acompanhamentos que fazem parte de cada refeição. Comida incrível e deliciosa, cozinhada sempre de maneira ligeiramente diferente em cada restaurante. E, claro, as pessoas. Em última análise, são as pessoas que fazem os países e a Coreia do Sul é um país abençoado nesta vertente.

Desde que vivi na Coreia do Sul pela primeira vez, tenho tido a sorte de passar a maior parte da minha vida nela, a trabalhar sobre ela ou a pensar nela. Tive a oportunidade de viver na Coreia do Sul uma segunda vez, então como estudante de doutoramento. Tive a oportunidade de a visitar mais vezes do que consigo contar, por vezes durante semanas, senão meses, de cada vez. Seja para dar uma palestra, participar numa conferência ou simplesmente passar férias, o meu coração acelera assim que vejo um daqueles autocarros que fazem o transporte de ida e volta para o aeroporto. Tenho a sorte de ter um emprego, aliás, dois empregos, que me permitem pesquisar, ensinar, discutir e organizar todo o tipo de eventos sobre o país. Na verdade, estou a dar os últimos retoques neste livro numa *hanok*†

* Em inglês, no original: DMZ — Korean Demilitarized Zone (Zona Desmilitarizada da Coreia). [N. T.]

† Uma *hanok* é uma casa tradicional coreana, cuja arquitetura distinta criada para responder às quatro estações do ano, foi desenvolvida durante a Dinastia Joseon, no século XIV. [N. T.]

a dez minutos a pé do Palácio Gyeongbokgung. Para mim, é um sonho tornado realidade.

Resta-me apenas agradecer às pessoas que tornaram este livro possível. Michael Dwyer da Hurst, que abraçou este projeto desde o momento em que lho propus. Também da Hurst, Lara Weisweiler-Wu, Alice Clarke, Kathleen May e Mei Jayne Yew, excelentes conselheiras durante o processo de edição. Kang Nagyeong, que foi inestimável no apoio durante a pesquisa. Todas estas pessoas tornaram o livro muito melhor. Dois revisores anónimos também fizeram comentários preciosos ao manuscrito. Quaisquer erros que persistam são meus. Ao longo dos anos, muitos amigos, colegas, conhecidos e estudantes dentro e fora da Coreia do Sul, ajudaram-me a compreender melhor o país. São demasiados para enumerar, mas estou certo de que sabem quem são. Também tenho de agradecer aos meus pais, Ramon e Maria Luisa, e à minha irmã Marisa. Quando lhes disse que estava a pensar passar um ano na Coreia do Sul, deram-me todo o apoio. Ainda suspeito que talvez tenha sido apenas para eu lhes mostrar o país quando me visitassem! Finalmente, seria impossível ter escrito este livro sem o encorajamento e o amor das minhas duas luzes-guias: a minha mulher, Mina, e a minha filha, Hannah. Desculpem-me as noites infindáveis que passei a escrever. Este é o resultado da vossa paciência. Espero que todos eles apreciem este livro. Espero que os leitores também. Da minha parte, adorei escrever sobre um país que eu amo.

Ramon Pacheco Pardo
Londres e Seul
Maio de 2023

Prólogo

BREVE HISTÓRIA DA COREIA

O nascimento da Coreia

Um urso deu à luz a Coreia. Ou, pelo menos, é o que diz a lenda. Corria o ano de 2333 a.C. Hwanin (o «Senhor do Céu»), teve um filho e o seu nome era Hwanung. Mas Hwanung detestava viver no céu. Desejava viver no seu próprio reino na terra, entre os vales verdes e as montanhas castanhas. O seu pai deu-lhe permissão e Hwanung, com cerca de três mil seguidores, desceu até à Península da Coreia e lá estabeleceu a primeira civilização da península. Atraídos pelo reino de Hwanung, um urso e um tigre rezaram para se tornarem humanos. Hwanung ouviu as suas preces e lançou-lhes um desafio. Tornar-se-iam humanos se conseguissem viver numa caverna durante cem dias, com apenas vinte dentes de alho e um ramo de artemísia. O tigre falhou, mas o urso não, e foi transformado numa mulher, que viria a ficar conhecida como Ungnyeo (mulher-urso).¹

Ungnyeo rapidamente se tornou melancólica. Começou a rezar para ter uma criança. Comovido pelas suas preces, Hwanung transformou-se num homem, casou com ela e, nove meses depois, nasceu uma criança. O seu nome era Dangun Wanggeom ou,

simplesmente, Dangun.² Em 2333 a.C., Dangun fundou Gojoseon. Originalmente conhecida como Joseon, o nome foi posteriormente alterado para Gojoseon (Antiga Joseon), para se distinguir da dinastia Joseon que mais tarde viria a governar a Coreia durante mais de 500 anos. A Antiga Joseon ficou conhecida como a «Terra da Manhã Calma», como ainda é conhecida atualmente.³ Embora esta história seja uma lenda influenciada pelo xamanismo autóctone da Coreia, existem evidências arqueológicas de que os hominídeos habitam a Península da Coreia desde 200 000 a.C., e que os humanos modernos chegaram há cerca de 30 ou 40 mil anos.⁴ Além disso, milhares de anos mais tarde, tanto a Coreia do Sul como a Coreia do Norte celebram o Gaecheonjeol (Dia da Fundação Nacional), a 3 de outubro, para comemorar a fundação da Coreia em 2333 a.C.

Ao longo dos séculos, vários proto-estados emergiram na região que engloba a Península da Coreia e o nordeste da China, até ao rio Liao. Existem evidências em textos chineses de que vários destes proto-estados na metade norte da Península da Coreia e no nordeste Chinês formavam uma confederação sob Gojoseon, por volta do século VII a.C. Esta confederação foi dissolvida depois de terem sido derrotados pelo Império Han da China,⁵ em 108 a.C. Daí em diante seguiu-se um período conturbado, durante o qual os conquistadores Han foram incapazes de estabelecer a paz na região ou criar um Estado unificado. Várias tribos sucessoras ocuparam diferentes partes da então caída Gojoseon, procurando conquistar-se entre si para expandir o seu território.

A partir de 57 a.C., estes Estados consolidaram-se em três reinos distintos. O período dos Três Reinos compreenderia Goguryeo, Silla e Baekje, prolongando-se até ao ano de 668. As origens de Goguryeo datam de 37 a.C. No seu expoente máximo, Goguryeo ocupou a maior parte da Península da Coreia, a maior parte da Manchúria e partes do extremo leste da Rússia moderna. Fundada em 57 a.C., Silla ocupou o sudeste da Península da Coreia. Baekje, fundada em 18 a.C., partilhava o lado sudoeste. Também no Sul, estava Gaya,

um grupo de cidades-estado que formaram uma confederação entre os anos 42 e 562, antes de ser dominada por Silla.⁶

Embora os três Estados combatessem entre si, partilhavam características comuns que revelavam um certo grau de semelhança à modernidade estatal. Estas características incluíam um poder militar centralizado, essencial para as suas frequentes guerras expansionistas. Além disso, tinham um sistema de formação organizado focado em competências tanto académicas, como militares. Os três reinos partilhavam uma forte monarquia hereditária apoiada por uma aristocracia poderosa e também desenvolveram uma cultura algo sofisticada, incluindo a compilação da sua história como modo de preservar o seu legado e demonstrar o seu poder.⁷ Com a China dividida devido a lutas internas, os Três Reinos tiveram tempo e espaço para se desenvolver política, económica e culturalmente.

No século VII, Silla iria emergir vitoriosa das batalhas entre os Três Reinos. Aliada à dinastia Tang da China, Silla derrotou Baekje em 660 e Goguryeo em 668. Esta seria a primeira vez que a maior parte da Península da Coreia seria governada sob um Estado unificado, um ponto de viragem crucial na História coreana. O caminho até esta unificação de grande parte da Península da Coreia também foi significativo, porque, a partir do século V, Goguryeo mudou o seu nome para Goryeo.⁸ Séculos mais tarde, seria a partir desta designação que teria origem o nome «Coreia». Em suma, os contornos da Coreia moderna foram desenhados durante este período.

Assim começou a era dos Estados Norte e Sul. No Sul, o período do Reino Unificado de Silla perdurou entre os anos de 668 e 935. Este reino governou aquilo que, à data da escrita, constitui a área da Coreia do Sul até ao sul de Pyongyang. Durante mais de 200 anos, os governantes de Silla Unificada trouxeram uma paz relativa e prosperidade ao seu reino. Silla Unificada centralizou o poder no monarca, num exército forte e numa burocracia bem formada. A aristocracia que tinha emergido durante o período dos Três Reinos enriqueceu graças ao fim da guerra entre estes. Homens e mulheres

eram tratados de forma relativamente igualitária e várias rainhas governaram o reino. Além disso, ampliou relações comerciais com a China e o Japão, sendo que a China, em particular, teve uma forte influência sobre Silla Unificada, uma vez que muitos dos seus aristocratas viajaram até lá para aprofundarem o seu conhecimento sobre o confucionismo — que estava então a substituir o xamanismo como principal sistema de crenças entre as elites. Os aristocratas beneficiavam de uma mobilidade social reduzida e os camponeses não podiam esperar alcançar um patamar social mais elevado. Por norma, a família na qual se nascia era determinante para o destino das pessoas.⁹

A Silla Unificada pode ser considerada o berço da cultura coreana moderna. Em particular, a sua capital, Gyeongju, tornou-se um centro cultural popular. Permanece, até aos dias de hoje, como uma das cidades mais belas da Coreia do Sul (no seu melhor durante o inverno, coberta de neve, na minha opinião). Influenciada pelo budismo e pelo confucionismo, Silla Unificada desenvolveu um estilo distinto. A Lagoa Wolji foi construída no ano de 674; o Templo de Bulguksa foi reconstruído entre 751 e 774; o Sino do rei Seongdeok foi forjado em 771.¹⁰ Eram construções magníficas, próprias de uma corte real e são tesouros nacionais sul-coreanos. Em 751, foi impresso o Grande Dharani Sutra de Luz Pura, a impressão xilográfica mais antiga do mundo, em Silla Unificada.¹¹ A imprensa desenvolveu-se no reino, influenciando a China e o Japão.

Na região norte, refugiados de Goguryeo fundaram o Reino de Balhae (por vezes designado como Parhae), em 698. O reino governou grande parte do antigo território de Goguryeo até 926: parte da região norte da Península da Coreia e uma parte da Manchúria e do extremo leste da Rússia atual. Por outras palavras, Balhae pode ser considerado um Estado sucessor de Goguryeo. Os governantes de Balhae tinham esta visão e usavam o nome Goryeo nos seus documentos diplomáticos.¹² Localizando-se na fronteira com a China da Dinastia Tang, Balhae cultivou relações prósperas com os vizinhos. Tal como Silla

Unificada, Balhae era dominado pelo monarca e pela aristocracia. No entanto, ao contrário do reino do Sul, a sociedade de Goguryeo era dividida; esta divisão dava-se entre a população recém-chegada de Goguryeo e o povo de Mohe, que era tratado como se fosse de uma categoria inferior. A fraqueza doméstica foi uma razão importante para a eventual queda de Balhae.¹³

Eventualmente, a paz também deixaria de existir em Silla Unificada e, devido a crescentes divisões internas, Baekje e Goguryeo separaram-se do reino. Nova Baekje estabeleceu-se em 892, seguindo-se o estabelecimento de Nova Goguryeo (também conhecida como Taebong), em 901.¹⁴ O período Tardio dos Três Reinos começou, assim, com os três governantes a lutarem pelo controlo da Península da Coreia. Entretanto, Balhae foi dominado pela Dinastia Liao, formada pelas tribos nómadas Khitan (que também se escreve Qidan).¹⁵

No ano 918, Wang Geon estabeleceu Goryeo para substituir Nova Goguryeo. Wang Geon — também conhecido como rei Taejo — vinha de uma família de mercadores originária de Goguryeo. Um líder militar de excelência, foi coroado rei por generais de altas patentes, que se opunham ao monarca existente. Aquando da sua coroação, estabeleceu Gaegyeong, a atual Kaesong, como capital de Goryeo, localizada na região central da Península da Coreia. Com o apoio de refugiados de Balhae, Wang Geon conduziu o exército de Goryeo à vitória sobre Baekje e Silla, em 936. A Península da Coreia ficava, assim, unificada sob um único líder, com a expansão de Goryeo para norte, com intuito de conquistar o antigo território de Balhae. A confirmação está no próprio título de Wang Geon como rei, uma vez que Taejo se traduz como «Grande Fundador» (da Coreia).¹⁶

Goryeo (que também se escreve Koryo), sobreviveria até 1392. Procurando estabelecer as fundações para um reino distinto e duradouro, em 943 Wang Geon redigiu as Dez Instruções. Este foi, possivelmente, o primeiro documento a estabelecer uma identidade coreana distinta. As instruções determinavam que Goryeo tinha a sua própria identidade cultural, enfatizando a importância do

budismo, da geomancia e, em termos da organização estatal, do confucionismo, acautelando a existência dos «bárbaros» a norte de Goryeo.¹⁷ Em particular, as instruções indicavam explicitamente que Goryeo era diferente da China devido à sua localização geográfica e ao caráter da sua população. Era assim que Goryeo se distanciava do modelo chinês. Wang Geon não queria que Goryeo fosse assimilada pela China ou que, simplesmente, se tornasse um apêndice da sua vizinha de maior dimensão. De forma constante ao longo da história da Coreia, Wang Geon reforçou que Goryeo apenas sobreviveria enquanto identidade política se se focasse no que a tornava distinta. Além disso, considerava que a China era pouco sofisticada. Esta linha de pensamento acerca dos estrangeiros irá ressurgir algumas vezes na história da Coreia.

Deste modo, o budismo tornou-se central na vida de Goryeo e continua, hoje, a ser uma das principais religiões na Coreia do Sul. O budismo provia um sistema de crenças que servia tanto a aristocracia como a plebe, ainda que o xamanismo continuasse a ser atrativo e influente. Criou, além disso, uma relação simbiótica com o Estado, conduzindo a uma proliferação de templos budistas por todo o país. Os monges budistas eram dotados de influência política e serviam-se dela para fazer valer os seus interesses.¹⁸ Estes também ajudaram a cultura coreana chegar a outros níveis. Em 1011, monges budistas elevaram as xilografias ao começarem a trabalhar nos seis mil capítulos da *Tripitaka Koreana*, esculpida em mais de 80 mil blocos de madeira;¹⁹ um trabalho que viria a ser completado em 1087. Uma versão deste trabalho, datada do século XIII, pode ainda ser vista no templo de Haeinsa, no sul da província de Gyeongsang.

Por volta de 1234, Goryeo foi pioneira na utilização da prensa metálica mais resistente, maleável e flexível. Os primeiros livros impressos desta forma foram cópias da obra confuciana *Sang-jong-ye-mun* (leituras de cerimónias budistas em Goryeo), reforçando o facto de que o budismo e o poder político estavam de mãos dadas.²⁰ Embora este trabalho tenha desaparecido, o livro mais antigo impresso

numa prensa metálica também pertence a Goryeo. Trata-se de *Jikji* (ensinamentos selecionados de sabedoria budista e mestres *zen*),²¹ uma antologia de escrituras budistas impressa em 1377.

As relações económicas e militares da era de Goryeo mostram a sua posição ambivalente em relação aos países vizinhos. Formada por princípios confucionistas, Goryeo institucionalizou missões tributárias regulares à sua maior vizinha a oeste — a China Imperial. Enquanto isso, metais preciosos, livros, tecidos, seda, comida e animais eram comercializados com a China Imperial e outros países vizinhos, como Liao-Khitan e o Japão. Mas Khitan também tentou invadir Goryeo por três vezes,²² entre 993 e 1018. Goryeo tornou-se, assim, um Estado vassalo do Império Mongol, entre 1270 e 1356, após a conquista da China Imperial pelos mongóis,²³ numa série de tentativas desde 1231. Os sobreviventes da dinastia Goryeo só conseguiram expulsá-los do seu país depois de o Império Mongol começar a desmoronar-se. Enquanto isso, tinham de se defender de ataques de piratas japoneses, a leste.²⁴ A lição para Goryeo — ou Coreia — foi clara: era independente, mas poderia facilmente acabar por ser um «camarão entre baleias». Como diz o ditado coreano, «quando as baleias lutam, as costas do camarão quebram-se».

Dinastia Joseon

O ano era 1388 e o general Yi Seonggye tinha uma missão clara: invadir a China, agora sob o domínio Ming. Mas o herói de guerra, que tinha ajudado a expulsar mongóis e resistido a ataques de piratas japoneses, tinha outra ideia em mente: derrubar o monarca Goryeo, que o tinha incumbido da missão que considerava não ter sentido. Ao alcançar a ilha Wiha, no rio Amrok (ou rio Yalu), virou costas em direção a Gaegyeong. Com o apoio de um grande número de líderes militares e soldados, um número considerável de aristocratas e grande parte da população em geral, que também se opunham

à intenção de invadir a China, rapidamente derrotou as forças do rei e instaurou uma monarquia-fantoches. Yi Seonggye enviaria, então, a família real para o exílio.²⁵

Em 1392, Yi Seonggye reclamou oficialmente o poder. Yi estabeleceu a dinastia Joseon e tornou-se Taejo de Joseon.²⁶ Iniciava-se o período mais longo da história da Coreia, uma vez que a dinastia Joseon apenas chegaria ao fim em 1910. Este período de 519 anos deixou uma marca indelével no país, que ainda se sente na Coreia do Sul contemporânea, a começar pela capital. Em 1394, o novo rei transferiu a capital para Hanyang, oficialmente conhecida como Hanseong — nada mais do que a Seul moderna. A nova capital era mais fácil de defender comparativamente a Gaegyong, uma vez que era uma cidade muralhada no meio da Península da Coreia. Hanyang era também um foco comercial e de transportes, dada a sua localização imediatamente a norte do rio Han, a partir de onde se podia navegar para oeste e para a China. A nova capital tinha um bom *feng shui*, graças à sua localização rodeada por quatro montanhas que a protegiam de ventos fortes.²⁷ Traçando as suas raízes até 18 a.C., enquanto capital de Baekje, Hanyang tornou-se rapidamente o principal centro político, económico e cultural de Joseon. Seul, um nome primeiramente usado no final do século XIX, ainda mantém essa posição, mais de seis séculos depois.

O golpe do rei Taejo foi apoiado por eruditos confucianos, que queriam que os seus princípios dominassem todos os aspetos da vida, substituindo o budismo. Foram bem-sucedidos e, à medida que os anos foram passando, Joseon tornou-se provavelmente o país mais confuciano do mundo. O «neoconfucionismo» tornou-se rapidamente uma ideologia estatal durante o início do período Joseon. Como resultado, a administração era estrita e hierarquicamente dividida em dois níveis principais: o Uijeongbu (Conselho de Estado) e os seus ministérios associados; e os governos provinciais, subdivididos em condados e distritos. Além disso, o acesso a posições de governo era baseado num exame de função pública que requeria um

conhecimento profundo dos textos confucianos.²⁸ Na prática, isto limitava o acesso a estes cargos à elite do país.

Estas elites, conhecidas como *yangban*, acabaram por dominar a vida política, cultural e económica da Coreia, durante o período Joseon (muitas famílias coreanas traçam as suas origens até estes *yangban*). Abaixo deles, estavam os *yangmin*, ou comuns, e os *cheomin*, ou povo da base. No nível mais baixo de todos, estavam os *nobi*, escravos que podiam ser comprados e vendidos.²⁹ Estes quatro grupos podiam traçar as suas raízes até à era Goryeo. Ideias inerentes ao confucionismo serviram para consolidar a sua divisão em hierarquias rígidas, ao longo dos séculos de domínio Joseon.

A cultura e os estudos também foram dominados pelo «neoconfucionismo». Qualquer pessoa na Coreia do Sul pode confirmar isto ao olhar para a sua carteira. As notas de 1000 e 5000 won sul-coreanos têm os retratos de dois dos mais importantes estudiosos confucianos: Yi Hwang e Yi I, respetivamente. Ambos materializavam o ideal confuciano do estudioso versado em filosofia, caligrafia ou poesia, mas também envolvido em política e na melhoria das vidas de quem se encontrava abaixo de si na hierarquia social.

O «neoconfucionismo» que permeava a vida em Joseon exigia que os súbditos obedecessem ao seu rei ou governante. Mas essencialmente, os ideais «neoconfucianos» também exigiam que fosse o governante a providenciar as orientações morais para os seus súbditos. Sejong, o *Grande*, personificou este ideal melhor do que ninguém. Governando desde 1418 até à sua morte em 1450, o quarto rei da dinastia Joseon implementou reformas que visavam melhorar as vidas dos súbditos, através de uma cobrança de impostos mais justa e, posteriormente, de ideias revolucionárias, como a licença de maternidade ou paternidade. Também promoveu o estudo da ciência e da tecnologia para ajudar os agricultores a melhor planear as suas colheitas.³⁰

Acima de tudo, Sejong, o *Grande*, criou o Hangeul, o alfabeto nativo da Coreia, que ainda se usa nas Coreias atuais. Promulgado

em 1446, o Hangeul foi desenvolvido especificamente para melhorar a literacia entre a população geral.³¹ Até para um leigo, o Hangeul parece mais simples do que os tradicionais caracteres chineses, usados na Coreia até então. Originalmente composto por 28 letras (apenas 24 à data da escrita), o Hangeul é muitas vezes considerado pelos (sul) coreanos como o maior feito do seu país. Embora os documentos oficiais e as classes mais altas continuassem a utilizar caracteres chineses durante séculos, o novo alfabeto do rei iria tornar-se, no final, dominante. De forma condizente com o seu estatuto, são atribuídas a Sejong, *o Grande*, duas das maiores honras da Coreia do Sul atual: tem o seu retrato nas notas de 10 mil won sul-coreanos, a nota mais frequentemente usada, e tem uma estátua em frente a Gyeongbokgung (o Palácio de Gyeongbok). Construído em 1395, este local serviu de principal residência real e sede de governo durante a dinastia Joseon. Em 2023, o palácio e a estátua de Sejong, *o Grande*, continuam a dominar a paisagem central de Seul.

Ainda assim, os ideais «neoconfucionistas» tinham um lado mais obscuro para metade da população de Joseon. As mulheres eram discriminadas, uma vez que o «neoconfucionismo» estabelece que as mulheres devem obedecer aos maridos e que são estes que devem sustentar a família. Além disso, o filho primogénito tinha prioridade em termos de herança e rituais familiares.³² A posição das mulheres foi, portanto, degradada relativamente a eras anteriores. Um exemplo disso é Shin Saimdang, uma escritora e artista de renome.³³ Na verdade, foi a primeira mulher a figurar numa nota, quando o seu retrato foi incluído na nota de 50 mil won sul-coreanos, em 2009. Mas foi colocada na nota não apenas pelo seu mérito artístico, mas por representar a noção de mãe ideal; o seu filho era Yi I e Shin Saimdang ficou conhecida como uma «boa esposa e mãe benevolente».³⁴ Dar à luz um herdeiro do sexo masculino que pudesse dar continuidade ao nome da família tornou-se o maior propósito da vida das mulheres. Pode dizer-se que os problemas advindos desta perceção do papel das mulheres na sociedade ainda afligem a Coreia do Sul.

As relações externas do início de Joseon também se pautavam pelo «neoconfucionismo». Os governantes de Joseon continuavam a enviar missões tributárias à China Ming: a irmã mais velha que, em troca, oferecia proteção à irmã mais nova. O comércio com o Japão, entretanto, estava circunscrito à ilha de Tsushima, no Estreito da Coreia, entre os dois países. Em grande medida, o comércio continuou a incluir produtos semelhantes aos que eram trocados com o nordeste asiático durante a era Goryeo.³⁵

As relações externas foram ainda marcadas por paz e estabilidade, entre os séculos XIV e XVI. Toyotomi Hideyoshi unificou o Japão em 1590, voltando-se para oeste, com intenções de conquistar Joseon e a China. A Guerra Imjin foi o nome dado ao período entre 1592 e 1598, durante o qual o Japão tentou duas invasões de Joseon. A primeira tentativa foi feita em 1592–93. O Almirante Yi Sun-sin conseguiu expulsar a marinha japonesa ao longo de uma batalha na costa sul de Joseon. O Japão tentou uma segunda invasão em 1597–98. Yi, mais uma vez, veio em auxílio de Joseon, uma estratégia que garantiu uma segunda vitória contra as forças invasoras. Yi foi morto em combate durante esta segunda invasão.³⁶ À data de escrita, encontra-se imortalizado numa estátua a 250 metros de distância da estátua de Sejong, o *Grande*, em frente a Gyeongbokgung.

Considera-se que o período tardio de Joseon começou após a Guerra Imjin. Pouco depois, Joseon teve de se defender de uma nova tentativa de invasão que, desta vez, chegava do lado oeste. Os manchus lançaram duas invasões: uma em 1627 e outra em 1636–37. Em ambas as ocasiões, as forças manchu conseguiram chegar até Hanyang. Após a conquista da capital durante a segunda invasão, Joseon reconheceu o domínio manchu sobre a China e começou a enviar novas missões tributárias. Em 1644, os manchus derrubaram finalmente a dinastia Ming e inauguraram a dinastia Qing,³⁷ que iria governar a China até 1911. Em termos de relações externas, o «camarão» Joseon ficaria sob proteção da China até ao final do século XIX, o que teve profundas consequências a nível doméstico.

De meados do século xvii até meados do século xix, a Coreia permaneceu num clima relativamente pacífico, o que foi propício a um renascimento cultural. O melhor exemplo disto é a primeira menção a «Arirang», em 1756. A canção popular mais conhecida da Coreia teve origem em Jeongseon centenas de anos antes.³⁸ Com centenas, se não milhares, de variações por todo o país, a música não tem uma letra predeterminada, mas todas as versões falam de amor e tristeza. O desejo de alcançar um parceiro, a tristeza de o perder. A visão coreana de um tema universal. Um tema que, graças à relativa paz da dinastia Joseon, estava agora escrito. É um tema que sobrevive até aos dias de hoje, uma vez que «Arirang» continua a ser o hino nacional não oficial das duas Coreias.

No entanto, mesmo num período de paz e sossego, ocorreram duas grandes mudanças. Em primeiro lugar, começou por surgir uma nova classe mercantil à medida que os mercados locais se multiplicavam pelo país e comerciantes astutos acumulavam riqueza até então inimaginável para o povo de Joseon. Além disso, as fações começaram a proliferar por Uijeongbu e pelos ministérios. Os funcionários dividiam-se entre ocidentais e orientais, sendo que os ocidentais se dividiam entre o norte e o sul e havia ainda mais divisões no caso oriental.³⁹ As políticas facionárias nunca desapareceriam de Joseon.⁴⁰

Estas mudanças faziam prever ainda maiores alterações durante a segunda metade do século xix. Em 1860, o aristocrata e académico Choe Je-u lançou o movimento Donghak (Aprendizagem Oriental), que apelava à igualdade entre todos em oposição à influência ocidental. Influenciados por este movimento, em 1862 os camponeses do sul da Coreia revoltaram-se. Estavam insatisfeitos com a política de cobrança de impostos que era um fardo pesado para a classe, enquanto os funcionários do governo, os *yangban*, e a nova classe mercantil usufruíam de uma qualidade de vida muito superior. As revoltas de camponeses já tinham acontecido antes, incluindo a rebelião de Hong Gyeong-nae, de 1811 a 1812, mas a revolta de 1862

conduziu à expansão de Donghak e de um movimento mais amplo entre os camponeses, resultando em revoltas esporádicas.⁴¹ Em 1894, a reforma Gabo culminou em mudanças extremas, incluindo o fim do sistema de classes, a abolição da escravatura, a implementação de um processo de seleção meritocrático para cargos de governo sem discriminação, o fim dos monopólios mercantis e a utilização do Hangeul em vez de caracteres chineses em todos os documentos oficiais.⁴² O confucionismo começava a desmoronar enquanto ideologia estrutural de Joseon.

As perturbações internas foram exacerbadas por mudanças estruturais na vizinhança de Joseon. Em 1866, o navio americano *General Sherman* atracou em Pyongyang com vista a forçar um acordo comercial, no qual Joseon não tinha interesse. Os membros da tripulação do *General Sherman* detiveram funcionários do governo de Joseon, provocando uma luta na qual todos os membros da tripulação foram mortos.⁴³ Foi deste modo que a era do imperialismo chegou a Joseon. A sua vizinha a oeste, a China, tinha resistido à ocidentalização e procurava fechar as suas fronteiras. Ainda assim, foi forçada a abrir vários portos devido a tratados desiguais, o primeiro dos quais data de 1842. No entanto, a família imperial chinesa acreditava que a história milenar do país ajudá-lo-ia a prevalecer face aos «bárbaros» da Europa e dos Estados Unidos.⁴⁴ Contrariamente, o vizinho a leste, o Japão, seguia o exemplo do Ocidente. Em 1853, o primeiro navio de guerra americano chegava à Baía de Tóquio e o Japão viu-se forçado a assinar o seu primeiro tratado desigual um ano depois. Em 1868, após a Restauração Meiji,⁴⁵ o país já se encontrava no caminho da ocidentalização, assimilando os modos de pensar e de vestir e as tecnologias da Europa e dos Estados Unidos.

Dentro de Joseon existiam divisões relativamente a qual o caminho a seguir. Em 1876, no entanto, o Japão impôs o Tratado de Gangwha ao país, um tratado desigual à semelhança daqueles que o Ocidente tinha imposto à China e ao Japão. Joseon não tinha opção

senão abrir alguns portos a mercadores japoneses e garantir-lhes extraterritorialidade.⁴⁶ Nos anos que se seguiram, os poderes ocidentais também assinaram tratados desiguais com Joseon. O mundo que Joseon conhecia estava a desintegrar-se. Após a Primeira Guerra Sino-Japonesa de 1894–95, o Japão tornou-se a força dominante no nordeste asiático e o estatuto tributário de Joseon com a China chegou, finalmente, ao fim. O mundo estava a mudar à volta de Joseon e os seus governantes não sabiam como reagir. Parecia que o Japão tinha escolhido o caminho certo ao «copiar» as forças do Ocidente, algo que intrigava muitos habitantes de Joseon, que se perguntavam se o seu país devia seguir o mesmo caminho.

Foi por esta altura que Joseon começou a ficar conhecida no Ocidente. Diplomatas, comerciantes e missionários chegavam ao país, à medida que as suas vívidas descrições atraíam ainda mais atenção. O professor e missionário William Elliot Griffis escreveu a obra de sucesso *Corea: The Hermit Nation*, em 1882. O título era uma referência à política isolacionista de Joseon, por comparação ao Japão, mas o livro em si tinha uma visão positiva sobre o país, procurando mostrar a sua individualidade face aos países vizinhos.⁴⁷ Em 1885, o empresário Percival Lowell escreveu também um retrato positivo em *Choson: The Land of the Morning Calm*. O título descrevia o «esplendor tranquilo» das primeiras horas da manhã em Joseon, tornando esta descrição bem conhecida no Ocidente.⁴⁸

Com a subjugação de Joseon a tratados desiguais e a crescente atenção dos poderes externos, tanto os coreanos como a família real decidiram tomar conta do destino do país, sobretudo depois do assassinato da rainha Min, por agentes japoneses, em outubro de 1895. Casada com o rei Gojong, a rainha era vista como a maior defensora da independência coreana relativamente à influência japonesa.⁴⁹ A sua morte apenas veio redobrar os esforços coreanos em permanecer um país independente. Em 1896 foram lançados o jornal *Tongnip Sinmun* (O Independente), o primeiro jornal a ser publicado em Hangeul, e o Clube da Independência. Defendiam a

independência da influência estrangeira, o patriotismo coreano e, essencialmente, o desenvolvimento socioeconómico do país.⁵⁰ Os coreanos foram-se apercebendo de que a sobrevivência do seu país enquanto nação independente exigia todos os esforços para o modernizar, o que foi uma clara rejeição do caminho que a China tinha escolhido seguir.

A família real seguiu o exemplo pouco depois. Em outubro de 1897, o rei Gojong tornou-se imperador, proclamando o DaeHan Jeguk, o Grande Império Han.⁵¹ O simbolismo era claro. A Coreia estava a par da China e de todas as outras nações; não estava subordinada ao país vizinho a oeste nem ao poder expansionista de leste. A declaração do império foi decerto uma tentativa da família real de reter algum poder. Algumas vozes do movimento independentista exigiam uma força democrática e anticorrupção. Um dos seus principais líderes, Seo Jae-pil, tinha vivido nos Estados Unidos durante mais de uma década.⁵² Não era difícil para a família real e os seus seguidores imaginarem que ele e outros pudessem ter ideias republicanas, ainda que não existissem provas disso. Ainda assim, o Clube da Independência seria encerrado em 1898.

Essencialmente, o imperador Gojong compreendeu que, para poder manter o poder, precisava de atender às necessidades dos súbditos do novo império. Assim, criou a Reforma Gwangmu. O sistema de classes tradicional foi abolido, pelo menos legalmente. Iniciou-se um processo de reforma agrária para expandir a propriedade e modificar o regime de taxaço. A educação e a saúde foram desenvolvidas e modernizadas para apoiar a industrialização da Coreia. Seul e o resto do país foram transformados. Os elétricos chegaram à capital coreana em 1899, no mesmo ano em que a Coreia inaugurou a sua primeira linha de caminho de ferro, que ligava Seul e Incheon.⁵³ A Coreia estava a esforçar-se por se tornar um país moderno e independente. Se o Japão tinha a capacidade de competir com países ocidentais ao aprender com as suas formas de pensar e as suas tecnologias, a Coreia faria o mesmo.

No entanto, o Japão tinha outros planos. Entre 1904 e 1905, os impérios russo e japonês combateram pelas suas ambições territoriais na Coreia e na Manchúria. O exército japonês derrotou eficazmente os seus oponentes russos ao enviar milhares de tropas para a Coreia. O Memorando Taft-Katsura, de 1905, entre o Japão e os Estados Unidos, e o subsequente Tratado de Portsmouth entre o Japão e a Rússia, que oficialmente punha fim à guerra, ditou o destino da Coreia. Segundo estes acordos, os Estados Unidos e a Rússia, respetivamente, reconheciam que a Coreia estava sob a esfera de influência do Japão.⁵⁴ Por conseguinte, a comunidade internacional tinha o mesmo entendimento. A Coreia não foi consultada e, para piorar a situação, o presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, recebeu o Prémio Nobel da Paz por mediar o acordo.⁵⁵ Como se os coreanos tivessem de ser lembrados do lugar de um camarão no mundo das baleias.

Em novembro de 1905, o Japão e a Coreia assinaram o Tratado de Eulsa (Tratado do Protetorado), que estabeleceu a Coreia como um protetorado do Japão. Redigido pelo governo japonês, estabelecia que o Japão detinha o controlo sobre a política externa e comercial da Coreia. Inicialmente, o governo da Coreia recusou assinar o tratado, mas viu-se obrigado a fazê-lo devido à presença militar japonesa em Seul e por todo o país. Após a assinatura, a Coreia continuou a resistir aos desígnios do tratado. Os Exércitos Justos (*Uibyeong*), formaram-se por todo o país para combater os invasores, mas foram subjugados pelo exército japonês.⁵⁶ Em 1907, o imperador Gojong enviou emissários para a Conferência da Paz de Haia, para denunciar o tratado, mas outras delegações presentes na conferência recusaram a entrada à delegação coreana.⁵⁷ A Coreia estava a tentar controlar o seu destino, mas o mundo não queria ouvir. O Japão reagiu, obrigando o imperador Gojong a abdicar e forçando a implementação de um tratado que, efetivamente, colocava a gestão dos assuntos internos da Coreia nas mãos do Japão, bem como a dissolução do exército coreano. Sunjong sucedeu ao seu pai como imperador da Coreia, sendo o último imperador Joseon na história do país. Em agosto de

1910, o Japão e a Coreia assinaram um tratado de anexação. Sunjong foi obrigado a abdicar e despromovido para o papel de rei, sob a Casa Imperial do Japão, pondo fim a 519 anos de domínio Joseon.⁵⁸ A Coreia tornava-se, assim, uma colónia japonesa.

Todas estas mudanças tiveram um impacto profundo na população coreana, que ganhava maiores liberdades enquanto via os seus líderes incapazes de resistir às alterações impostas no país por forças externas. O conceito de *Minjok*, que surgiu como uma poderosa força unificadora, começou a ser publicamente utilizado por volta de 1900. Este conceito definia uma identidade coreana individual que tornava os coreanos distintos de outros grupos étnicos e nações, com apenas uma linha de sangue e história traçada até Dangun, em 2333 a.C.⁵⁹ Em suma, *Minjok* definia os coreanos como sendo únicos e seria uma força poderosa na primeira metade do século xx.

A colonização japonesa da Coreia

O período colonial da Coreia foi uma era de transformação que teria um impacto profundo na Coreia do Sul. O Japão governou a Coreia durante trinta e cinco anos, entre 1910 e 1945. Durante este período, a língua e a cultura coreanas foram reprimidas, a economia da Coreia foi posta ao serviço das ambições imperiais do Japão e, em última análise, a maioria dos coreanos tornaram-se cidadãos de segunda classe no seu próprio país.⁶⁰ Deram-se tentativas sucessivas de erradicação da história coreana, ao queimar 200 mil volumes históricos e enviar 40 mil relíquias e manuscritos ancestrais para o Japão.⁶¹ O governo japonês nomeou um novo governador-geral para a colónia coreana.⁶² Este reportava diretamente ao imperador, passando a maior parte do tempo em Keijo, o novo nome que os japoneses deram a Seul.

Durante a primeira década do período colonial, o Japão organizou as estruturas que seriam utilizadas para consolidar o seu domínio.

Em particular, o governo colonial levou a cabo um registo de propriedade ao longo de oito anos, entre 1910 e 1918. Este levantamento serviu de base para um novo sistema de registo de propriedade imobiliária, no qual o próprio governo era o maior proprietário. Muitos coreanos perderam as suas propriedades e tornaram-se inquilinos, muitas vezes servindo os recém-chegados proprietários japoneses.⁶³ Na década de 1930, cerca de metade do território coreano pertencia a japoneses, incluindo as terras de maior qualidade.⁶⁴ O setor da agricultura foi reformulado para servir a economia japonesa e mais de metade da produção de arroz e de outras colheitas do país eram exportadas para o mestre colonial.

Claro que a maioria dos coreanos estava descontente e, alimentados pela *minjok*, muitos resistiram à ocupação do Japão. De facto, foi a ocupação japonesa que conduziu a um nacionalismo coreano distinto, com base na individualidade do país relativamente ao Japão.⁶⁵ A 1 de março de 1919, este descontentamento foi revelado. Os sul-coreanos conhecem este dia como o início do Movimento Sam-il (Primeiro de Março). Um grupo de ativistas, incluindo intelectuais e estudantes, leu uma Declaração de Independência, em Insadong, a uma curta distância de Gyeongbokgung, onde estava sediada a residência do governador-geral.⁶⁶ À data de 2023, uma cópia da declaração está em exibição no Parque Tapgol, a localização original ao lado de Insadong, onde os ativistas queriam tê-la lido. HorrORIZADOS pela discriminação contínua contra os coreanos, desconfiados da verdadeira razão da morte do (anterior) imperador Gojong dois meses antes e inspirados pelos Catorze Pontos do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, que apelava à autodeterminação das colónias, os responsáveis pela declaração queriam pôr fim à ocupação japonesa. Embora milhares de coreanos por todo o país estivessem envolvidos em atividades pela independência desde 1910, o Movimento Sam-il foi o primeiro catalisador para protestos em massa. Os protestantes gritavam: «*Mansei!* Viva a independência da Coreia!» O resultado foram dezenas de milha-

res de detenções e milhares de mortes às mãos da polícia e do exército japonês.⁶⁷

Algumas semanas mais tarde, a 11 de abril, um grupo de independentistas instaurou o Governo Provisório Coreano, em Xangai. Reconhecido por um pequeno número de países, o governo estabeleceu a República da Coreia no exílio. O seu primeiro presidente foi Syngman Rhee.⁶⁸ Rhee viria a ser o primeiro presidente da Coreia do Sul, ou República da Coreia, após a sua formação em 1948. No entanto, o governo provisório não tinha o monopólio da resistência coreana face ao Japão. Em 1925, o Partido Comunista Coreano foi criado em segredo, em Seul.⁶⁹ No ano seguinte, um grupo de estudantes das escolas e universidades lançou o Movimento pela Independência de 10 de Junho. Após o funeral de Sunjong (o antigo imperador estava praticamente prisioneiro no Palácio de Changdeok), os estudantes realizaram várias manifestações, apelando à independência coreana.⁷⁰ A polícia japonesa e o exército puseram fim às manifestações, mas em novembro de 1929, os estudantes em Gwangju começaram um novo movimento pró-independência depois de se recusarem a cantar o hino nacional do Japão. Os protestos espalharam-se pela Coreia até março de 1930, quando o exército japonês pôs fim ao movimento.⁷¹ Ainda assim, outros grupos dentro e fora da Coreia também combateram o Japão.

Símbolos da resistência coreana à ocupação japonesa começaram a surgir, reforçando a *minjok*. Alguns deles eram indivíduos corajosos que pagaram com a vida. Entre eles, destaca-se Ryu Gwan-sun. A jovem de 16 anos juntou-se ao Movimento Sam-il e iniciou uma revolta na sua província natal do sul de Chungcheong. Foi presa pela polícia japonesa, que a mandou confessar os seus «crimes» e denunciar os nomes dos outros combatentes pela independência, em troca de uma sentença mais leve. Ao recusar fazê-lo, foi torturada e espancada incessantemente durante meses, até morrer devido aos ferimentos causados.⁷² Ryu resistiu e o seu nome ficou para a história, como uma heroína da independência que se tornou uma mártir.

Alguns dos outros símbolos faziam parte da vida quotidiana. Duas novidades recém-chegadas à Coreia são exemplo disso: o cinema e os desportos de competição. Em 1926 foi lançado o filme mudo *Arirang*. Intitulado assim em honra da mais famosa canção popular da Coreia, o filme foi uma alegoria da ocupação japonesa e veio a ser considerado uma obra-prima nacionalista.⁷³ Uma década após a estreia, Sohn Kee-chung venceu a prova da maratona, nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936. Simbolizava um tipo diferente de resistência, indiscutivelmente mais direta. Durante a entrega da medalha de ouro, segurou junto ao peito um pequeno carvalho, que tinha recebido pela sua vitória, cobrindo a bandeira japonesa que figurava no seu equipamento. Baixou a cabeça, recusando-se a reconhecer o hino nacional japonês. Nas entrevistas que deu em Berlim, Sohn reforçou que a Coreia era um país à parte.⁷⁴ Quando os jogos terminaram, teve de regressar à sua terra ocupada e teria de esperar cinquenta e dois anos por uma Coreia (do Sul) independente para ter um momento de glória num estádio olímpico. Mas em 1936 já era um herói para muitos coreanos.

Na outra face da moeda, existiam coreanos que tinham decidido colaborar com as novas autoridades coloniais. Os *chinilpa*, como vieram a ficar conhecidos no período pós-colonial, aceitaram cargos de governo, integraram a força policial colonial e o exército japonês, prosperaram nos seus negócios graças às suas ligações ao governo colonial, ou simplesmente espalharam a narrativa de que o Japão estava a ajudar a Coreia a modernizar-se. Eventualmente, Yi Wan-yong viria a simbolizar a figura do colaborador japonês. Um dos fundadores do Clube da Independência, tornou-se um colaborador quando o Japão começou a ocupar a Coreia, a partir de 1905. Depois, tornou-se primeiro-ministro e, em 1910, assinou o tratado de anexação.⁷⁵

Além destas divisões, a sociedade coreana continuou a mudar durante o período colonial. O confucionismo continuou a dominar o sistema de crenças das pessoas, mas o cristianismo começou a

ganhar terreno. Tinha chegado no século xvii, mas seria durante as décadas de 1910 e 1920 que números significativos de coreanos começariam a converter-se. A atração por esta nova religião explicava-se pelo papel que, aos seus olhos, os Estados Unidos (cristãos) desempenhavam na oposição ao Japão. Os missionários americanos também abriam hospitais e escolas modernas desde o final do século xix, fomentando o apelo do cristianismo.⁷⁶ Enquanto isso, as restrições patriarcais sobre as mulheres, fomentadas pelo confucionismo, começavam a diminuir, particularmente nas maiores cidades. A revista *Sin Yeoseong* (Nova Mulher), foi lançada em 1925, dirigindo-se às mulheres que tinham agora novas liberdades.⁷⁷ Uma nova cultura popular começou a emergir quando o governador-geral legalizou as comunicações e publicações no alfabeto Hangeul, após o Movimento Sam-il. Em 1920, o *Chosun Ilbo* e o *Dong-a Ilbo*, os dois jornais mais antigos da Coreia do Sul, foram publicados pela primeira vez; as emissões de rádio tiveram início em 1927 e ao longo da década foram surgindo diferentes tipos de literatura.⁷⁸

Durante a década de 1930, as ambições imperiais japonesas tiveram uma reviravolta. O Japão tinha procurado construir estradas e caminhos de ferro pela Coreia e, a partir de 1930, cimentar algumas indústrias (principalmente na região que, mais tarde, viria a ser a Coreia do Norte), para apoiar a economia japonesa, mas também para se preparar para uma eventual guerra na Manchúria e em toda a Ásia Oriental. No final de 1931, o Japão iniciou a invasão da Manchúria, que conquistou facilmente, no espaço de meses.⁷⁹ Foi a primeira amostra de uma nova onda do imperialismo japonês na região, que teve consequências profundas para a Coreia e para a sua população.

Em 1938 o Japão promulgou a Lei Nacional de Mobilização Geral à medida que se preparava a Segunda Guerra Mundial. Mais de cinco milhões de coreanos foram sujeitos a trabalhos forçados, com mais de meio milhão a ser enviado para o Japão, para trabalhar sobretudo em fábricas e minas. Dezenas de milhares morreram de exaustão,

enquanto o seu trabalho servia para alimentar as ambições militares do Japão.⁸⁰ Enquanto isso, dezenas, se não centenas, de milhares de mulheres coreanas foram forçadas à escravidão sexual. Referidas eufemisticamente como «mulheres de conforto», estas mulheres, muitas delas adolescentes, eram enviadas para «estações de conforto» por todo o Império Japonês, para serem violadas por dezenas de soldados, diariamente.⁸¹ Além disso, para apagar a identidade coreana e simultaneamente simbolizar a centralidade do país nos esforços de guerra do Japão, foi promulgada a lei *Soshikaimai*, em 1939, exigindo que os coreanos se registassem e utilizassem nomes japoneses. Dois anos mais tarde, o estudo da língua coreana foi completamente erradicado dos planos de estudos das escolas.⁸²

A história coreana teve a sua maior reviravolta na era moderna no dia 15 de agosto de 1945, quando as ruas foram invadidas por multidões jubilantes. Uma das fotografias mais famosas do dia mostra independentistas, acabados de ser libertados, de braços no ar em celebração, à frente de um elétrico em Seul. Nesse dia, a Coreia do Sul tornou-se novamente independente. O imperador Hirohito do Japão tinha anunciado a rendição do seu país, pondo fim à Segunda Guerra Mundial.⁸³ Conhecido como o Dia da Libertação Nacional, a data marcou o final de uma experiência de humilhação. Impulsionados pela promessa de um novo começo para o seu país, milhares de soldados e intelectuais que lutavam pela libertação da Coreia no país, na Manchúria, na China e noutras partes do mundo, começaram a chegar a Seul. Tinham elevadas expectativas para o futuro do seu país.

Divisões pós-libertação

A divisão da Coreia entre Norte e Sul não foi uma ideia coreana. Alguns dias antes de o Japão se render e a Coreia ter recuperado a

sua independência, os militares americanos Dean Rusk — que viria a tornar-se secretário de Estado dos Estados Unidos — e Charles Bonesteel sentaram-se numa sala sossegada em Washington, D.C. Tinham instruções claras do Gabinete de Guerra: encontrar um local para dividir a Península da Coreia em duas, garantindo que a União Soviética, que agora se deslocava para a Coreia como parte da sua ofensiva contra o Japão, não ocupasse todo o país. Decidiram-se pelo paralelo 38, de modo a manter Seul no sul.⁸⁴ A proposta foi aceite pelos seus superiores e a União Soviética também concordou. A história milenar da Coreia enquanto país unificado estava a chegar ao fim.

As tropas soviéticas já tinham entrado na Península da Coreia, enquanto o imperador Hirohito se preparava para fazer o seu discurso histórico anunciando a rendição do Japão. Iriam rapidamente ocupar a região norte da Península da Coreia onde o Japão tinha declarado que a guerra tinha terminado. As tropas americanas chegariam, pouco depois, à região sul, principalmente a partir de Okinawa. Algumas semanas depois, Washington estabeleceu o Governo Militar do Exército dos Estados Unidos na Coreia (USAMGIK).⁸⁵ A Coreia não era uma prioridade para as superpotências emergentes, mas nenhuma delas queria perder o controlo sobre todo o país, à medida que a Guerra Fria já se vislumbrava no horizonte. Em dezembro, os Estados Unidos e a União Soviética decidiram estabelecer uma tutela de cinco anos sobre a Coreia. Os coreanos ficaram horrorizados. Queriam a independência imediatamente.⁸⁶ Mas sob a tutela o país apenas poderia recuperar a independência mais tarde.

Durante este tempo, os coreanos estiveram ocupados a tentar reconstruir o seu país. Apenas dois dias após a libertação, foi formado o Comité para a Preparação da Independência da Coreia (CPKI). Em setembro, a República Popular da Coreia (RPC) começou a tomar o lugar do Comité. Organizada em múltiplos comités populares,

a RPC inicialmente prometia ser um governo inclusivo, apesar do seu nome indicar tendências comunistas. De facto, o líder de direita exilado, Syngman Rhee, foi eleito líder da República, após o seu regresso à Coreia.⁸⁷ Muitos dos comités no Sul, embora não todos, eram de vertente nacionalista mais do que comunista. Ainda assim, os Estados Unidos declararam a ilegalidade destes comités em dezembro. Pouco depois, os comités seriam desmobilizados também no Norte.⁸⁸

Até 1948, apenas uma coisa parecia unir todos os coreanos: o desejo pela independência, o que explicava a oposição ao regime de tutela assim que o anúncio chegou ao país. No entanto, grandes divisões internas, impulsionadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética, inevitavelmente empurraram a Coreia para a separação. No Norte, Kim Il-sung e outros líderes comunistas recém-chegados à Península da Coreia, criaram o Comité Popular Provisório da Coreia do Norte, nacionalizaram indústrias, fizeram reformas legais, iniciaram um incipiente culto do líder com a criação da Universidade Kim Il-sung e formaram o Exército Popular da Coreia.⁸⁹ No Sul, Rhee e Kim Ku, outro retornado, disputaram o poder. Os ativistas de esquerda, quando não eram assassinados, eram presos, as greves e revoltas eram brutalmente reprimidas e Rhee,⁹⁰ juntamente com outros líderes, discutiam abertamente a criação de um governo independente para a região abaixo do paralelo 38.

As tentativas de realizar eleições por todo o país, apoiadas pelas Nações Unidas, não foram bem-sucedidas. Uma reunião realizada em abril de 1948 em Pyongyang, entre representantes do Norte e do Sul foi um fracasso. Os representantes do Sul ou se recusaram a comparecer ou saíram alarmados da reunião. Kim Ku, que esteve presente, regressou ao Sul convencido de que o Norte poderia facilmente tomar o Sul sem ajuda das tropas soviéticas, se assim o desejasse.⁹¹ Nesse mesmo mês os residentes da ilha Jeju

orquestraram a Revolta de Jeju, também conhecida como a «Revolta 4.3»*. Cansados do fracasso dos seus líderes em resolver as suas diferenças, opunham-se às eleições que se avizinhavam, mas que estavam programadas para ocorrer apenas no Sul. Esta revolta foi brutalmente reprimida, principalmente por parte do exército da Coreia do Sul.⁹² As vozes dos coreanos comuns foram silenciadas e a divisão do país estava prestes a ser confirmada.

* A referência 4.3 prende-se com o dia e o mês: 3 de abril. [N. T.]

A ASCENSÃO DA COREIA DO SUL, DA GUERRA ESQUECIDA AO K-POP

Nascida das cinzas de um império, colonizada e envolvida numa devastadora guerra, na década de 1950 a Coreia do Sul tinha tudo para não sobreviver enquanto nação independente. No entanto, prosperou. Atualmente é uma democracia sólida, um mercado económico vibrante, uma força tecnológica e sinónimo de uma das culturas mais cool para os jovens (e não só). Em apenas setenta anos, superou as mais negras expectativas, e a partir de um território destruído nasceu um dos mais importantes e influentes países da Ásia, alcançando a prosperidade que muitas outras nações demoraram séculos a conseguir.

Ramon Pacheco Pardo, professor de Relações Internacionais e um verdadeiro apaixonado pelo país, traz-nos este *Breve História da Coreia do Sul*, onde, num registo cativante, factual e revelador, nos dá pistas sobre como se deu esta espantosa transformação. Se para alguns o segredo está nos sul-coreanos que lutaram para mudar o seu país e que continuam a esforçar-se para o moldar, para outros a chave está na política visionária de empreendedores. Seja como for, este é um retrato fiel de um povo que, mais do que sonhar em grande, conseguiu alcançar o topo.

«Uma narrativa fascinante da ascensão da Coreia do Sul
para o centro das atenções do mundo.»

THE KOREA HERALD



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinkorea.pt
penguinkorea

ISBN 9789997370705



9 789997 870705 >